

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – COGEAE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Paola Ribeiro Versignassi

Agressividade: capacidade criativa ou destrutiva?  
Uma reflexão a respeito da agressividade de crianças na escola e  
a relação com o processo de aprendizagem.

PUCSP

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – COGEAE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Agressividade: capacidade criativa ou destrutiva?

Uma reflexão a respeito da agressividade de crianças na escola e  
a relação com o processo de aprendizagem.

Paola Ribeiro Versignassi

Monografia apresentada como exigência parcial para  
aprovação no curso de Pós Graduação Latu Senu,  
Especialização em Psicopedagogia da Faculdade de  
Educação da Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Anete Maria  
Busin Fernandes.

PUCSP

2012

VERSIGNASSI, Paola Ribeiro. **Agressividade: capacidade criativa ou destrutiva? Uma reflexão a respeito da agressividade de crianças na escola e a relação com o processo de aprendizagem.** Trabalho de conclusão de curso de especialização em Psicopedagogia. PUCSP, São Paulo: 2012, 38 p.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar a agressividade inserida na Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott, compreender a relação desta com a aprendizagem, considerando também a teoria de Alicia Fernández, e fazer algumas reflexões do ponto de vista psicopedagógico acerca da agressividade a partir de relatos do cotidiano escolar. Inicialmente, elucido o conceito de agressividade através da obra winnicottiana, tomando-se como referência a teoria do amadurecimento pessoal, a qual revela que a agressividade, em suas raízes, está ligada à motilidade e espontaneidade do bebê e que, após ser integrada à personalidade do sujeito, possibilitará que aconteça a separação do Eu e do não-Eu. Em seguida, procuro relacionar a agressividade com a aprendizagem, ressaltando a importância da agressividade como um traço significativo no ato de aprender, uma vez que pode inibi-lo ou propiciá-lo. Finalmente, procuro trazer algumas contribuições para o campo da psicopedagogia, através de relatos do cotidiano escolar, os quais exemplificam o uso e o não uso da agressividade na vida das crianças. A partir dos relatos, procuro pensar em intervenções psicopedagógicas que possam se tornar uma tentativa de suprimir as falhas do suporte materno ou do ambiente, causadas durante o processo do amadurecimento do sujeito.

Palavras – chave: teoria do amadurecimento pessoal, agressividade, agressão, aprendizagem.

VERSIGNASSI, Paola Ribeiro. **Aggression: destructive or creative ability? A discussion about the aggressiveness of children in school and the relationship with the learning process.** Specialization in Psychopedagogy, Final Paper. PUCSP, São Paulo: 2012, 38 p.

### ABSTRACT

The aim of this paper is to present the aggressiveness theory inserted in the individual development of Winnicott, analyze its relationship with learning, also considering the theory of Alicia Fernandez, and think some thoughts from the standpoint of psychology about aggression from reports the school routine. Initially introduce the concept of aggression through the work of Winnicott, taking as reference the theory of personal maturity, which reveals that aggression in its roots, is linked to motility and spontaneity of the baby and, after being integrated into the subject personality, allow to happen to me separation of non-self. Then try to relate the aggressiveness with learning emphasizing the importance of aggression as a significant feature in the act of learning, since it can inhibit or propitiate him. Finally, try to bring some contributions to the field of educational psychology through reports of the school routine, which exemplify the use and nonuse of aggression in children's lives. From the reports I try to think of possible interventions that may become psychopedagogical an attempt to suppress the failures of the breast support or the environment caused during the process of maturation of the subject.

Keys – words: theory of personal maturity, aggressiveness, aggression, learning

## SUMÁRIO

Introdução	6
1. Sobre o conceito de agressividade em Winnicott	10
2. Relações da agressividade com a aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica	18
3. Agressividade X Agressão no cotidiano escolar e possíveis intervenções psicopedagógicas	23
Considerações finais	32
Referências bibliográficas	36

## INTRODUÇÃO

Comecei a pensar na monografia a partir de uma inquietação que vem da minha vivência profissional. Trabalhar como professora de Educação Infantil me faz deparar com uma situação presente no cotidiano da escola: crianças que cometem atos agressivos de maneira habitual.

Apesar de sempre presentes, tais situações me incomodam e geram algumas indagações: como pode uma criança pequena ser tão agressiva? Qual a origem dessa agressividade? Esse ato agressivo tem uma intenção (a criança sabe o que está fazendo)? O que a criança quer nos dizer com esses atos agressivos?

A prática escolar me fez refletir mais sobre essa agressividade, pois percebi, por meio da observação das crianças no dia a dia da sala de aula, que os atos agressivos apareciam de diferentes formas, tinham causas variadas e, também, divergiam quanto à intenção do sujeito.

Diante de tantas dúvidas e observações, percebi que, primeiramente, era necessário esclarecer o conceito: o que é agressividade? Concomitantemente com um levantamento bibliográfico sobre o assunto, continuei observando o cotidiano escolar, com o objetivo de visualizar as diferentes formas da agressividade.

Foi possível observar que a maioria das situações exigiam certa agressividade da criança, como uma disputa por um brinquedo ou um momento de se colocar numa conversa coletiva. Nestes exemplos, percebi que a agressividade aconteceu como reação a uma situação externa e com a intenção da criança de lutar por seu espaço no mundo.

Contudo, em outras situações, a agressividade aparecia sem motivo visível e tinha como objetivo apenas a agressão hostil contra algo ou alguém, como, por exemplo, quando uma criança destrói a brincadeira dos amigos, ou quando, atravessando uma sala, passa por outra e simplesmente bate na cabeça do amigo. Nestes casos, percebi

que a agressividade aconteceu de forma cruel, sem motivo aparente e com a intenção de machucar o outro.

Com essas observações, cheguei à conclusão de que era necessário diferenciar a agressividade em atos destrutivos e em atos necessários para o desenvolvimento do sujeito. Assim, foi possível levantar uma hipótese: existem formas de manifestação de agressividade que não estão apenas voltadas para a destruição. Ou seja, é possível usar a agressividade sem hostilidade e violência.

Apesar das situações de violência chamarem mais atenção durante as observações, foi possível averiguar momentos nos quais a criança necessitava ser agressiva para se colocar e garantir seu espaço, e isto era feito sem machucar ninguém. Assim, já é possível ressaltar uma diferenciação da agressividade: a agressividade sadia que é necessária para a criança lutar por um espaço no mundo e para descobri-lo; e o ato agressivo (destrutividade) que é a utilização da agressividade com a intenção de atacar.

No senso comum, a agressividade é vista, principalmente, como uma ausência de limites (não respeitar o outro e seu espaço), como uma atitude maléfica. Quando avaliamos a agressividade negativamente, estamos associando-a a comportamentos hostis do sujeito. Assim, notamos que, dificilmente, utilizamos a palavra agressividade para descrever um comportamento saudável (benéfico), pois a tendência é atribuímos um valor negativo, identificando-a a atos cruéis e violentos.

Antes dessa diferenciação, fui buscar o conceito de agressividade em seu sentido mais amplo, no dicionário Houaiss, e sob o olhar da Psicanálise, no dicionário de Laplanche e Pontalis, utilizando a definição das teorias de Freud, Melanie Klein e Winnicott. Após este estudo inicial, resolvi me deter na teoria winnicottiana, porque percebi que este autor conseguia esclarecer o conceito tendo também uma visão positiva da agressividade, como recurso de se colocar no mundo.

Assim, decidi que tal esclarecimento seria feito a partir de um estudo aprofundado da teoria psicanalítica de Winnicott, a qual considera a agressividade como fundamental

no processo do sujeito se reconhecer como “Eu Sou”. Dessa forma, foi possível desvendar outro olhar sob a agressividade, revelando sua necessidade no processo de crescimento e desenvolvimento do sujeito.

O estudo aprofundado sobre o conceito de agressividade ampliou meu olhar para os atos agressivos presentes no cotidiano da escola, pois além de pensar no ato em si (como aparece na criança pequena, quais suas origens, se tem ou não intenção), passei a me questionar como e quanto essa agressividade é capaz de beneficiar e dificultar a aprendizagem. Para esclarecer esse problema, vejo que também será necessário responder uma nova questão: qual a relação da agressividade com a aprendizagem?

Nesta pesquisa, também levanto uma hipótese: poderia a agressividade influenciar o processo de aprendizagem? Em outras palavras, a agressividade poderia ser considerada para que o sujeito consiga aprender? Assim, pretendo, por meio da leitura de textos sobre o assunto, analisar a agressividade sob o ponto de vista do que favorece e inibe o aprender.

A partir do momento em que acredito que a agressividade tem relação com o processo de aprendizagem, considero pertinente e importante o estudo aprofundado desse tema para o campo da Psicopedagogia, uma vez que esta área tem como objetivo abrir espaços objetivos e subjetivos de autoria de pensamento, isto é, abrir espaços para que a aprendizagem ocorra.

A seguir, esclareço os passos que serão dados no desenrolar desta pesquisa.

No primeiro capítulo, irei esclarecer o conceito de agressividade presente no dicionário e nas teorias psicanalíticas de Freud, Klein e Winnicott. Aprofundarei o conceito apresentado na Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott, descrevendo o desenvolvimento da agressividade e da destrutividade, desde suas raízes até a integração do sujeito e sua capacidade de ser agressivo.

No segundo capítulo, irei abordar as relações da agressividade com a aprendizagem, utilizando a teoria psicopedagógica de Alicia Fernández. Antes de esclarecer as relações, irei descrever o conceito de agressividade para a autora, uma vez que esta analisa a agressividade também sob a perspectiva da mobilização de recursos para a construção da autoria do sujeito.

No terceiro capítulo, descreverei algumas situações do cotidiano escolar nas quais está presente a agressividade e, a partir destes relatos, farei uma reflexão do ponto de vista psicopedagógico.

Finalizarei a pesquisa com algumas considerações acerca do tema deste trabalho, procurando analisar se as perguntas e as hipóteses levantadas no início dele (qual a relação entre a agressividade e a aprendizagem, e se a agressividade pode influenciar o aprender) foram esclarecidas.

## 1.DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AGRESSIVIDADE

Começarei o presente capítulo fazendo uma reflexão sobre o conceito de agressividade, desde seu sentido mais amplo, utilizando o dicionário Houaiss, até o sentido na Psicanálise, utilizando a definição do *Vocabulário de Laplanche e Pontalis*, e mais precisamente a definição nas teorias de Freud, Klein e Winnicott.

No dicionário Houaiss, encontramos as definições de agressão e agressividade.

Agressão: sf. ato ou efeito de agredir 1 ataque à integridade física ou moral de alguém 2 ato de hostilidade, de provocação 3 ação de ofender ou insultar alguém por meio de palavras 6 PSIC predisposição, inata ou instintiva, que pode revelar-se destrutiva em relação a si mesmo ou a outrem 8 PSICN na teoria freudiana, manifestação das pulsões de morte no consciente

Agressividade: sf qualidade, caráter ou condição de agressivo 1 disposição para agredir e/ou para provocar 2 espírito empreendedor, energia, atividade, combatividade 3 PSICN segundo Sigmund Freud (1856-1939), conjunto de tendências presente em todos os indivíduos, que se manifesta em comportamentos reais ou fantasiosos que objetivam prejudicar, destruir ou humilhar o outro 4 na teoria da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960), força que promove uma radical desorganização e fragmentação da psique 5 PSICOP forma de desequilíbrio que se caracteriza por uma constante hostilidade diante de outrem.

(HOUAISS, 2001, p. 41 )

Em ambas as definições, é possível perceber que o conceito de agressividade está principalmente relacionado a atitudes maléficas, ao comportamento hostil do sujeito com o outro. Apenas em um item o conceito é ligado a um comportamento benéfico, sendo visto como sinônimo de energia, atividade e combatividade.

Também observamos certa semelhança na definição do dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis, uma vez que o conceito é relacionado à destrutividade. A agressividade é definida como:

Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar com agressão. A psicanálise atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo da sua união com a sexualidade e da sua separação dela. Esta evolução das ideias culmina com a tentativa de procurar na agressividade

(LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p.11 )

No dicionário de psicanálise, encontramos também como o conceito é construído na teoria Freudiana. Para este autor, a agressividade ou é vista como uma reação à frustração no encontro com o princípio da realidade, ou é constitucional como manifestação da pulsão de morte.

Na teoria de Melaine Klein, a agressividade também é vista como manifestação da pulsão de morte. Para a autora, o conceito foi desenvolvido a partir da relação entre o bebê e o seio. A autora descreve que o bebê nasce com medo persecutório da mãe, que já é vista como objeto externo. Assim, como ele sente essa grande ansiedade, seu ego se mobiliza, utilizando mecanismos de defesa, e coloca para fora o impulso destrutivo.

Já na teoria de Winnicott, a agressividade é vista como uma aquisição do desenvolvimento normal do indivíduo, sendo sinal de saúde, uma vez que é necessária para que o processo de amadurecimento pessoal ocorra.

É possível perceber a diferença entre Winnicott e Freud, já que na teoria winnicottiana o indivíduo só é capaz de ter desejos e se frustrar quando está integrado numa unidade, ou seja, a agressividade reativa à frustração de Freud é muito sofisticada e não pode acontecer nos estágios iniciais.

A partir deste primeiro esclarecimento do conceito, foi possível concluir que na teoria psicanalítica tradicional a agressividade é vista como destrutividade e não como possibilidade. Assim, optei por fazer um estudo aprofundado da teoria winnicottiana, na

qual a agressividade é vista, também, como recurso para se colocar no mundo. A seguir, procurarei elucidar melhor o conceito, a partir de uma análise da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott.

Segundo a perspectiva winnicottiana, a agressividade vai sendo construída e integrada ao longo do amadurecimento do indivíduo, e depende do ambiente no qual ele está inserido. Essa integração será propiciada no início da vida do bebê pela possibilidade dele conseguir exercer incompadecidamente<sup>i</sup> seus impulsos agressivos. Tal possibilidade é fornecida pelo ambiente, uma vez que depende da maneira que este irá receber as manifestações do estar vivo do bebê (a vivacidade, a motilidade e a voracidade).

No livro “Psicanálise e educação”, conseguimos compreender a importância da maneira que o ambiente receberá as manifestações do estar vivo do bebê. A autora Renate M. Sanches utiliza a teoria de Winnicott para descrever a agressividade como um impulso vital inicial que vai na direção do que necessita, podendo ser destrutivo ou construtivo, dependendo da situação e de quem a signifique, como é vista pelo outro (SANCHES, 2002).

“Para Winnicott, a agressão é parte constituinte do indivíduo desde a vida intra-uterina, e é sinônimo de atividade e motilidade ( a capacidade de nos movermos). O feto que se mexe no interior do útero, e “chuta” a mãe, está exercendo sua agressividade. Note-se que quem significa esses “chutes” é a mãe: podem ser vividos como sinal de vida e força do seu bebê; ou podem ser sentidos como ataques dos quais ela não sabe se defender.”

(SANCHES, 2002, p. 44)

Assim, no início da vida, a agressividade está relacionada com o estar vivo, e o bebê não tem nenhuma condição de se preocupar com os resultados de sua impulsividade instintual. Ou seja, neste período ele é incompadecido e, por isso, não se sente responsável pelas consequências de seus atos agressivos.

Para Winnicott, existe uma destrutividade anterior à agressividade, pois o bebê ainda é imaturo para que a agressão faça algum sentido, ele não tem uma intenção. Essa destrutividade (no anger) é um impulso instintivo inerente ao estar vivo e sua manutenção. Tal agressividade instintiva dirige-se antes à satisfação das necessidades e não à destruição daquele que ama.

Desde a vida intrauterina, a agressividade está manifestada nos movimentos fetais. E na vida pós-natal, a motilidade está intrinsecamente presente no estar vivo, mas para que ela possa ser exercida precisa haver favorecimento ambiental.

“Antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade. O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear, o bebê mastiga os mamilos com suas genivas: não se pode dizer que ele esteja querendo destruir ou machucar.” (WINNICOTT, 2000, p. 289)

No começo, o bebê é sustentado pela figura materna, ele depende em absoluto do ambiente. E este ambiente deve sustentar o percurso desse bebê dependente em direção ao reconhecimento do Eu<sup>ii</sup>, proporcionando uma sensação de continuidade, para que ele possa existir e confiar sem sofrer a ameaça de interrupção.

Antes que o processo de integração ocorra, o ambiente precisa suportar um bebê que carece de organização. Tal suporte é que dará condições para ele se tornar unidade, e é só depois de ser Eu que o sujeito será capaz de organizar suas sensações, experiências e memórias.

Esse movimento para a integração se dará a partir da percepção do mundo como algo fora de si, e para o mundo interno se expandir é necessário que aconteçam encontros entre os relacionamentos externos e os impulsos internos que visam à satisfação. Assim, gradualmente, o bebê será capaz de perceber o meio externo e soltar-se dele, para ficar submerso na realidade psíquica.

A distinção feita pelo bebê entre o mundo exterior e interior permite que comece a acontecer o processo de integração, ou seja, o sujeito vai atingindo o status de unidade, possuindo um mundo interno onde podem ser reunidas lembranças e experiências.

Nesse momento, surge uma membrana limitante entre o externo e o interno, capaz de viabilizar a ideia do Eu e Não-Eu, e a agressividade em seu aspecto de motilidade tende a se expandir e a delinear o contorno do próprio corpo em oposição ao corpo materno. É a partir dessa oposição entre o corpo da criança e o corpo da mãe, que irá surgir o potencial agressivo com intenção, uma vez que anteriormente existia apenas uma força vital (motilidade) agindo de forma não fundida ao potencial erótico.

Conforme vai ocorrendo a diferenciação entre Eu e Não-Eu, a relação com os objetos se modifica, uma vez que surge um sentimento de independência do mundo exterior. Nesse momento, os objetos passam gradualmente de subjetivamente vividos para objetivamente percebidos e, nesse processo, está incluída a capacidade do bebê de se relacionar com os objetos também pela agressão.

Assim, quando começa a se dar o processo de integração, o bebê começa a assumir os sentimentos e ideias destrutivas que possui (concernimento), ou seja, ele é capaz de se responsabilizar pelo que acontece dentro de si. O que Winnicott chama de concernimento especificarei mais adiante.

Nesse momento, o bebê começa a conquistar a capacidade de usar objetos para passar a fazer parte do mundo objetivo e compartilhado. Para isso, segundo Winnicott, é necessário uma certa destrutividade sem raiva (um impulso real) que pode fazer com que o objeto não sobreviva à destruição. Nesta etapa, é preciso que o bebê coloque a mãe para fora da área de seu controle (objeto subjetivo), para passar a percebê-la como objeto externo. Ou seja, a mãe subjetiva será destruída para se tornar objetivamente percebida.

O bebê, apesar de já estar mais amadurecido, continua incompadecido (conforme conceito explicitado na página 12), sem se preocupar em proteger a mãe de seus

impulsos instintuais. Nessa tarefa, a mãe precisa ser suficientemente boa<sup>iii</sup> para sobreviver a essa destruição, como nos estágios iniciais da vida quando ele precisou criá-la (projeção onipotente). Ou seja, é necessário que a mãe se proteja sem retaliar ou se vingar, quando seu bebê morder, arranhar, chutar ou puxar seus cabelos.

Se o ambiente não sobrevive à destruição do bebê, há a possibilidade dele permanecer no mundo subjetivo. Já, se a mãe sobrevive, surge a fantasia, usada para poder destruí-la magicamente e, assim, colocá-la no mundo externo. É essa destruição mágica na fantasia que permite a constância do objeto, uma vez que este sobrevive às diversas destruições. Destruir na fantasia significa que o bebê destrói a mãe na sua fantasia mágica (pensamentos), mas ela sobrevive no mundo objetivo.

Nesse momento, progredindo do amor impulsivo começa a surgir o amor afetivo, em que o bebê ama e reconhece o outro como separado e externo a si mesmo.

Após ser capaz de se perceber separado da realidade externa e de usar objetos, a integração do bebê começa a ser conquistada. A partir desta conquista, tudo que lhe é externo passa a ser repudiado, uma vez que precisa defender seu território, o que causa no bebê um estado paranóide. Então, mais uma vez, é necessário um ambiente suficientemente bom que o proteja, para que ele possa se arriscar e suportar a unidade que está alicerçada na diferenciação eu-outro.

A agressividade, até esse estágio, não podia ser considerada com uma intenção, uma vez que só após conquistar o estabelecimento de um eu unitário e a capacidade para usar objetos é que o bebê pode saber de si e ter intenções.

Quando o bebê conquista essa intenção e a capacidade de ser agressivo, começa o estágio do concernimento, ou seja, momento no qual “o bebê inicia a integração da sua vida instintiva, que ele começará a dar-se conta da sua possibilidade de ser mau, de machucar e de agredir” (GARCIA, 2009, p.87).

Neste estágio, o bebê começa a diferenciar a mãe-ambiente<sup>iv</sup>, que cuida dele nos estados tranquilos, da mãe-objeto, que é seu objeto nos estados excitados. Aos poucos, ele passa a integrar a mãe-ambiente e a mãe-objeto na mãe-pessoa, e passa

a reconhecer que existem ideias e fantasias que não devem ser confundidas com a realidade.

A partir dessa integração na mãe-pessoa (a mãe real), o bebê começa a se importar com os efeitos da sua impulsividade e, assim, passa a desenvolver culpa e preocupação em relação às suas experiências na mãe, como em si mesmo. Isto revela mais uma das facetas do concernimento.

Como uma maneira de lidar com essa culpa, o bebê precisa reparar o dano causado à mãe e, para isso, é necessário uma mãe suficientemente boa que o permita fazer tal reparação sem retaliá-lo.

Poder reparar os impulsos instintuais sobre o corpo da mãe permite que o bebê crie uma confiança no ambiente e continue com novas experiências instintuais, significando que ele ainda mantém o impulso destrutivo. No entanto, se a reparação for impedida, o indivíduo não será capaz de assumir a responsabilidade (o concernimento) de seus próprios impulsos destrutivos.

Nesse momento, o pai aparece em cena, e passa a existir como terceiro, como uma pessoa inteira separada da mãe e, da mesma maneira que ela, pode ser usado, odiado e amado. O pai passa a proteger a mãe, aceitando a destrutividade da criança no sentido de limitá-la ou impedi-la sem retaliar também. Assim, passa a reconhecer a potência da criança e permite que mais pra frente seja capaz de odiá-lo e rivalizar com ele (estágio Edípico).

O estágio Edípico começa com o conhecimento do triângulo familiar pela criança. Esta percebe que existe uma relação excitante entre os pais, e que ela é a terceira e está excluída. Nesta relação, o conflito da ambivalência (amor e ódio) está presente constantemente, pois a criança ama o genitor do sexo oposto ao seu e rivaliza (odeia) o do mesmo sexo. Nesse processo, é importante a família ser sólida para dar à criança a segurança de ter sentimentos e até exercer atos agressivos.

“Segundo Winnicott, é nesse jogo familiar que a criança se prepara para a vida, ou seja, para enfrentar as tensões do conflito edípico, que inclui a angustia de castração, como também para enfrentar todas as tensões que a aguardam no futuro, quando seu mundo se expandir da família para a escola, para os amigos e para a sociedade em geral.”

(GARCIA, 2009, p. 97)

Até o presente momento, procurei esclarecer como a agressividade se desenvolve na saúde e é integrada à personalidade. No entanto, quando não há a integração dela ou quando ela é inibida em momentos diversos do amadurecimento do indivíduo, ocorre a manifestação de patologias, como por exemplo, a tendência antissocial, na qual a criança pode se tornar muito agressiva de um modo bastante desmesurado.

A capacidade de ser agressivo é uma conquista no processo de amadurecimento. O bebê nos estágios iniciais ainda é imaturo, não sendo capaz de ter a intenção de agredir, ou amar e odiar. O potencial agressivo vai depender de como o ambiente irá lidar, desde o início, com a espontaneidade e a motilidade do bebê, isto é, com seu estar vivo.

Assim, a capacidade para uma agressividade real e integrada à personalidade do indivíduo depende de um ambiente suficientemente bom, capaz de permitir que ele se torne um eu unitário e continue sendo, podendo reagir e externalizar seus impulsos instintuais, que poderão se manifestar como criatividade, como assinala Winnicott em toda a sua obra.

As falhas ambientais prejudicam os diferentes estágios do processo de amadurecimento e acabam impedindo a integração da agressividade, gerando inúmeras consequências no desenvolvimento do indivíduo, inclusive manifestações antissociais.

## 2.RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

No presente capítulo, me proponho a relacionar a agressividade e a aprendizagem, em busca de compreender as possíveis influências da agressividade e da agressão para o aprender. Para isso, recuperarei alguns conceitos da teoria winnicottiana, explicitada no capítulo anterior, e utilizarei a teoria da autora Alicia Fernández, já que ambos teóricos fazem essa diferenciação entre os termos agressividade e agressão, ressaltando o aspecto saudável da agressividade.

Como já foi falado na introdução, na vida das crianças existem frustrações que são inevitáveis e para que consigam lidar com elas e crescer, pode ser necessário o uso da agressividade. Não podemos enxergar o comportamento agressivo só de forma negativa quando a criança consegue responder de forma saudável a um sofrimento imposto pelo meio em que vive (SANCHES, 2002).

Apesar do comportamento agressivo culturalmente ter um valor negativo, existem autores que identificam seus benefícios. Além de Winnicott, a autora Alicia Fernández analisa a agressividade sob o ponto de vista benéfico, uma vez que, para ela, existe uma agressividade que é sadia por ser necessária para o sujeito desconstruir-se e reconstruir-se como autor da sua própria história (FERNÁNDEZ, 1994).

No presente capítulo, utilizarei as nomenclaturas agressividade e agressão, presentes em sua obra, com o objetivo de diferenciar o ato agressivo quando benéfico e maléfico ao sujeito.

Fernández faz esta diferenciação através da relação com o aprender, pois tanto a agressividade quanto a agressão são pulsões<sup>v</sup> possibilitadoras da aprendizagem e da criatividade. Segundo a autora, a agressividade forma parte do impulso de conhecer, de possuir o objeto do conhecimento, de dominá-lo; e assim, pode estar a serviço da autoria do pensamento. Já a agressão é um grito desesperado e denunciante de uma situação na qual o sujeito se encontra e, assim, dificulta sua possibilidade de pensar e aprender (FERNÁNDEZ, 1994).

Neste trabalho, compartilho com Fernández o pressuposto de que o sujeito da aprendizagem é aquele que se constrói como sujeito criativo e pensante, ou seja, é o sujeito que constrói autoria de pensamento, pois para se apropriar do conhecimento precisa inventá-lo de novo (2001).

Desta maneira, é possível relacionar a agressividade com a aprendizagem, pois o sujeito necessita da agressividade para tornar-se sujeito autor, e ser autor do seu próprio pensamento é ser capaz de aprender. Nessa relação, compreendemos quando Fernández diz que o sujeito autor é o sujeito da Psicopedagogia.

“Estamos tratando de diferenciar a agressividade necessária e sadia, da agressão patógena. A primeira pode mediatizar-se e abrir espaço para o simbólico. A agressão, como atuação agressiva, bloqueia o espaço da criatividade. A agressividade forma parte do impulso para o conhecer, enquanto a agressão dificulta a possibilidade de pensar. A agressividade pode estar a serviço da autoria de pensamento; mais do que isso, ser autor de seu próprio pensamento requer um quantum de agressividade.”

(FERNÁNDEZ, 1994, p.127)

Para a autora, existe essa relação entre a agressividade e o aprender, uma vez que a criança precisa ter o desejo (um impulso de conhecer - agressividade) para aprender, sendo este desejo aquele que vai consolidar a aprendizagem. Para a criança ser autora do seu conhecimento, é necessário que tenha iniciativa para construir, desfazendo ou destruindo algo – informação, conhecimento, objeto externo (como aquele apresentado pela mãe ao bebê) no sentido de transformá-lo.

As teorias de Winnicott e Fernández conversam nesse ponto, quando ambos acreditam que a criatividade e o aprender acontecem a partir de um desejo, uma necessidade que cause desconforto ao bebê, uma vez que, para sanar o desconforto, é necessária certa agressividade, para que ele possa ir de encontro a algo que será apresentado pelo meio e depois será criado/construído (objeto externo/conhecimento) por ele mesmo.

Winnicott acredita que a experiência criativa acontece a partir de uma necessidade do bebê; como esta causa desconforto, o bebê irá responder a ela com movimentos musculares, que o permitirão entrar em contato com um objeto externo responsável por aliviar tal desconforto. Nesse momento, a presença de um ambiente (mãe suficientemente boa) capaz de apresentar o objeto externo, irá tornar o desejo do bebê apresentável, e dará forma ao objeto, que acredita ter sido criado por ele.

Quando outro desconforto aparecer, o bebê criará algo novo, e é preciso, mais uma vez, que o ambiente apresente outro objeto para que confirme sua possibilidade criativa. Ou seja, a repetição desse processo é o primeiro passo para o viver criativo, uma vez que instaura a confiança no desejo como fonte de possibilidade.

No processo de aprendizagem, também é fundamental que o ensinante apresente sempre um novo conhecimento para que o aprendente seja capaz de possuí-lo, para depois reconstruí-lo, confirmando sua possibilidade de aprender. O desejo de conhecer se torna também fonte de possibilidade da aprendizagem.

Assim, para Fernández (2001), há algo que antecede o aprender, que é o desejo, a vontade, o prazer. E o aprender será uma alegria compartilhada desde que o ensinante e o aprendente sejam ambos responsáveis por essa aprendizagem e estabeleçam com ela um tipo de comunicação.

A agressividade, como motilidade e espontaneidade, é fundamental nesse processo de criação/ aprendizagem, já que oferece meios para que ocorra a percepção do objeto criado e para que permita acessar o conhecimento do outro e reconstruí-lo. Através dessa atividade motora, a vida do sujeito se torna mais rica e permeada de realidade. Ser agressivo é encontrar, perceber o mundo que se criou, e atribuir a ele uma realidade que confere à vida um valor.

Dessa forma, o conhecimento, ao encontrar-se guardado ou oculto, propõe um desafio ao sujeito aprendente, exigindo-lhe usar sua agressividade para tomá-lo e reconstruí-lo em aprendizagem, a partir do seu saber e do contato com sua ignorância. Nesse

processo, é possível perceber que a agressividade requer que seja encontrado um material que lhe oponha resistência, desafiando sua capacidade criativa.

Para Fernández (2001), a aprendizagem ocorre quando o sujeito é capaz de jogar com as ideias, arremessando algumas para reencontrá-las logo em seguida, e sentindo prazer ao arremessá-las, para ir construindo o espaço de autoria. O sujeito consegue jogar com as ideias quando existe um espaço lúdico entre ele (aprendente) e o outro (ensinante), pois quando ele tiver o desejo de possuir o conhecimento do outro, conseguirá discriminar-se dele, sem aniquilá-lo, e assim poderá acessá-lo e reconstruí-lo.

Mais uma vez, vale ressaltar a semelhança no processo descrito por Winnicott da experiência criativa. O bebê cria algo a partir de um objeto externo apresentado pelo outro (mãe), que o permite acreditar que é sua criação. Assim, o sujeito só conseguirá reconstruir o conhecimento do outro, quando conseguir discriminá-lo dele, sem aniquiná-lo e, conseqüentemente, quando o outro permitir que o conhecimento seja acessado. O sujeito, então, usa a agressividade para arremessar as ideias dos outros e logo em seguida poder atraí-las, construindo o conhecimento e apropriando-se dele como aprendizagem. É um verdadeiro jogar, tal como o conceito de espaço potencial elaborado por Winnicott.

Na medida em que estou tratando o aprender dessa maneira, estou me aproximando do conceito de espaço potencial, que para o autor é o espaço entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, preenchido inicialmente pelos fenômenos e objetos transicionais que são, simultaneamente, parte do bebê e parte do ambiente; e aos poucos, pelo brincar, pelas atividades culturais e artísticas. É um espaço onde acontece uma comunicação significativa através da troca de experiências, que possibilita a criação e o exercício da capacidade de simbolizar e de brincar.

A partir das considerações acima, é importante permitir que a criança desconstrua ou até destrua algo para poder construir e, assim, criar seu próprio conhecimento. Fernández explica que o impedimento da destruição das torres de montar, por

exemplo, bloqueiam a aprendizagem da criança que terá dificuldade para construí-la (1994). Agindo desta forma, o educador pode desconsiderar a forma inicial da criança de construir conhecimento.

Até agora, vimos como a agressividade é necessária em todo o processo de amadurecimento do sujeito<sup>vi</sup> e no processo de aprendizagem, mais especificamente. Já a agressão, impede que o sujeito consiga se desenvolver e ser autor de sua própria história, pois devido às falhas ambientais, o sujeito não é capaz de usar seus impulsos destrutivos para ter um amadurecimento saudável. E quando não há uso da agressividade, o sujeito não consegue pensar, acessar o conhecimento do outro, reconstruí-lo, impedindo o aprender.

No próximo capítulo, descreverei alguns relatos do cotidiano escolar que exemplificam as consequências do não uso da agressividade e do uso da agressão na vida das crianças.

### 3. AGRESSIVIDADE X AGRESSÃO NO COTIDIANO ESCOLAR E POSSÍVEIS REFLEXÕES PSICOPEDAGÓGICAS

A seguir, descreverei situações colhidas a partir das observações feitas no meu cotidiano escolar, no qual compartilho o trabalho de sala de aula com uma professora auxiliar. Algumas crianças não foram minhas alunas, mas tive contato diário e direto com elas, uma vez que durante o período escolar temos vários momentos na rotina em que acontece uma integração. Ou seja, momentos nos quais todas as professoras são responsáveis pelo grupo de crianças da mesma idade e devem fazer intervenções, quando necessário.

As possíveis reflexões psicopedagógicas serão feitas levando em consideração as observações do cotidiano escolar e o conhecimento que obtive da história de vida das crianças. A partir do estudo da Teoria do Amadurecimento, parto do pressuposto de que a agressividade patógena aparece devido a uma falha ambiental. Assim, seria necessário saber mais sobre todo esse processo para poder compreender qualquer distúrbio presente no sujeito, como ressaltou Dias (2003, p.103):

“Segundo essa teoria (do amadurecimento), qualquer fenômeno que queiramos considerar, na doença ou na saúde, só pode ser devidamente apreciado se levarmos em conta todo o processo de amadurecimento do indivíduo, desde os estágios mais primitivos, e se pudermos localizar o estágio em que o fenômeno teve origem, isto é, se estivermos atentos à idade emocional relativa ao fenômeno ou distúrbio que apresenta.”

Então, as reflexões que serão levantadas a seguir, a partir dos relatos, serão hipóteses prováveis, uma vez que dependem do contexto familiar no qual tais crianças estão inseridas, ou seja, do suporte que tiveram do ambiente.

Nos relatos descritos a seguir, utilizei nomes fictícios com o intuito de preservar a neutralidade.

## Sandro

Sandro era um menino de quatro anos, conhecido pela equipe pedagógica da escola por ser muito agressivo. Desde que entrou na escola, com dois anos e quatro meses, agredia as outras crianças com mordidas, puxões de cabelo, empurrões, até passar a bater e xingar, inclusive os adultos. Sandro demonstrava grande dificuldade de participar com o grupo das atividades dirigidas, como a roda, o lanche e o atelier. Sua participação era possível somente quando podia fazer as coisas que queria e do seu jeito. Por exemplo na roda, frequentemente precisava chamar a atenção de todos, gritando, puxando da mão da professora algo que ela havia levado para mostrar aos amigos, batendo nas outras crianças. Diante das intervenções das professoras, corria para o quintal, e se era contrariado chegava a bater nelas. Às vezes, usava excelentes argumentos e a sedução para que aceitassem sua vontade.

Quando brincava com os amigos, sempre era o líder na brincadeira e exigia que todos fizessem o que queria. Os amigos gostavam de sua companhia e das brincadeiras que inventava, principalmente as de faz de conta. A linguagem oral também era sempre utilizada quando surgiam desentendimentos, em busca de convencer a todos quando discordavam de sua opinião, e quando não conseguia persuadí-los, acabava usando a força física.

Um dia, a professora chegou à escola com uma das pernas paralisada. Assim que Sandro a viu, ele abriu um enorme sorriso e comentou: “Bem feito! Agora você não vai poder correr atrás de mim!”. Nesse mesmo dia, a professora estava fazendo a escolha do atelier, na qual cada criança era chamada de uma vez para colocar uma ficha no canto que queria trabalhar. Na vez dele, havia acabado as vagas para o canto que queria ir, então ele pegou a ficha de um amigo, arrancou-a do quadro e, no lugar, colocou a sua. A professora tirou a ficha do Sandro do quadro, explicando-lhe a situação. Ele, então, deu um chute em sua perna machucada e saiu correndo, rindo do que havia feito.

Seu comportamento revelava um “grito desesperado de socorro”, como disse Alicia Fernández. E para tentar compreender melhor tamanha violência, foi necessário saber mais sobre o contexto no qual ele estava inserido, sua história de vida, seu ambiente familiar.

Sandro viveu num abrigo, juntamente com sua irmã biológica, até o momento em que seus pais tiveram o desejo de adotar uma menina (antes dos dois anos de idade dele). No entanto, o orfanato não permitiu que a menina fosse adotada sozinha, eles teriam de aceitar a adoção do irmão mais novo (no caso ele). Nesse momento, passou a viver com essa família de classe econômica alta, juntamente com sua irmã biológica e outro irmão, mais velho, também adotivo.

Na escola, seus pais não eram presentes e apareciam para conversar raramente, em geral quando Sandro tinha comportamentos extremamente destrutivos, como por exemplo, dar um soco no nariz da professora ou jogar uma cadeira de cima de uma rampa. A instituição exigia que Sandro fizesse terapia para que pudesse continuar frequentando a escola. No entanto sua mãe demonstrava não concordar com tal procedimento, dizendo não acreditar na Psicologia.

Nas vezes em que sua mãe ia buscá-lo, Sandro demonstrava um grande carinho, dava fortes abraços. E quando acontecia qualquer situação da qual não gostasse, ela o ameaçava, dizendo que iria contar ao seu pai.

Só de ouvir falar no pai, chegava a tremer ou chorar, e implorava para que a mãe não fizesse isso. Muitas vezes, Sandro chegou a contar que seu pai o batia muito e que o deixava de castigo. Nas poucas vezes que este aparecia na escola, demonstrava manter uma relação bem autoritária e, com a voz alta e grossa, impedia qualquer sinal de mau comportamento.

Em relação à história de vida de Sandro, não há dúvidas de que ele teve um início de vida permeado por sérios problemas que interferiram em seu desenvolvimento. Considerando as concepções de Winnicott sobre a importância do ambiente suficientemente bom, é provável que não tenha havido contato com esse ambiente, o

que poderia ter gerado falhas profundas no processo de amadurecimento. E como consequência dessas falhas, é possível observar, nos relatos, um padrão de comportamento no cotidiano escolar, a que se poderia chamar de tendência antissocial.

Refletindo sobre os primeiros anos de vida de Sandro, é provável que em seus estágios iniciais tenha vivido um trauma, causado pelo abandono da mãe quando foi morar no abrigo. Para Winnicott, o sujeito fica traumatizado porque perdeu algo que fazia parte de sua crença e, conseqüentemente, passa a não conseguir mais acreditar na confiabilidade do ambiente. Assim, é necessário que haja um recomeço para a criança conseguir reagir e, nesse caso, o recomeço se daria quando a confiança no ambiente voltasse. Nesse momento, surge uma esperança capaz de fazê-lo sentir um impulso para forçar o ambiente a reconhecer e ressarcir os cuidados que deixou de lhe dar. Quando a confiança volta, o sujeito precisa testar se o ambiente é capaz de suportar sua destrutividade, surgindo assim os sintomas antissociais.

“Quando a criança começa a adquirir novamente confiança no ambiente – no pai, em um homem, na instituição – ela começa a quebrar coisas a fim de se certificar de que esse ambiente pode aguentar seus impulsos destrutivos. Segundo Winnicott, isso significa que a criança está redescobrando a sua própria agressividade perdida, por meio de explosões de agressão sem sentido e sem lógica (...). Em outras palavras, quando um sistema de controle externo suficientemente bom é novamente acessível e confiável, a esperança retorna e o que pode acontecer é que esse menino ou essa menina voltem a entregar o controle para o ambiente. Mas, para isso, eles terão que testar se esses controles externos são fortes o suficiente para aguentar a tensão do comportamento impulsivo, dando a menina ou o menino que sofreram de privação nesse sentido, liberdade e segurança para ‘se movimentar, agir e se exercitar’” (GARCIA, 2009, p. 146).

Além desse trauma vivido nos estágios iniciais do processo de amadurecimento, outros fatores também prejudicaram um desenvolvimento saudável, como o fato de o pai que adotou ser muito agressivo e só o retaliar, não permitindo exercitar a destrutividade e

assim, não reconhecendo a potência dele. Desta maneira, é provável que Sandro esteja testando sua potência, e cabe ao ambiente escolar conseguir refletir e encontrar modos de sustentá-lo, para que esses impulsos destrutivos possam ser transformados e simbolizados de um modo culturalmente aceito.

Outra tarefa importante que cabe à escola diante de tantas agressões é permitir e ajudá-lo a fazer a reparação, para que ele possa ser capaz de assumir a responsabilidade de seus próprios impulsos destrutivos. Por exemplo, o ambiente escolar pode dar a ele a oportunidade de brincar, colocar em cena, através do faz de conta, diversas situações que se remetam às relações mamãe-papai-filhos, para que ele possa se observar nessas relações e ser capaz de cuidar e reparar.

Além disso, é necessário oferecer atividades corporais, brincadeiras de dramatização, atividades de produções artísticas, para que a agressividade possa ser redirecionada para situações aceitáveis culturalmente. Dessa maneira, a escola estaria resgatando um ambiente suficientemente bom, capaz de compreender a agressividade, ao invés de julgá-la.

## Thiago

Thiago era um menino de dois anos e nove meses, e sua mãe estava grávida de sete meses. Na escola, sempre foi muito querido pelos amigos, possuía uma linguagem oral bem desenvolvida, era sabido e envolvido nas atividades, era intenso, agitado e gostava de uma folia. Durante a manhã, demonstrava-se seguro e confiante, circulava por todos os espaços, brincava nas outras salas, recorria aos adultos quando necessitava. No entanto, queria tudo do seu jeito, e para conseguir usava a força física. Se queria um brinquedo que estava nas mãos de outra criança, não hesitava em arrancá-lo com força. E se não conseguia, porque o amigo havia segurado, puxava os cabelos até sair um chumaço em suas mãos. Nestas situações, era possível observar uma ausência de culpa depois do que fazia, além de uma dificuldade de perceber o outro com vontades e desejos diferentes dos seus e de não conseguir usar a fala para

resolver seus problemas. No entanto, em outras situações, não era possível observar motivos para sua agressividade. Por exemplo, toda vez que via uma criança sentada no carro de empurrar, ele se aproximava e virava o carro para que a criança caísse e batesse a cabeça. Mesmo depois de diversas intervenções das professoras e de observar a consequência de seu ato nos amigos, continuava fazendo sem demonstrar sentimento de culpa.

Sobre a história de vida de Thiago, não tenho muitas informações, uma vez que não foi meu aluno diretamente. Mas ao longo da manhã presenciei muitas situações como as descritas acima e o pouco que sei, foi me informado por sua professora. Thiago foi o primeiro filho de uma mãe brasileira e um pai estrangeiro, que por morar no Brasil representando uma grande empresa francesa, precisava viajar muito e mantinha-se distante por longos períodos. O pai era muito rígido, mas tinha um vínculo forte e afetivo com ele. Sua mãe estava no final da gravidez quando ele entrou na escola (início da minha observação), era muito presente, amável, mas muito permissiva, aceitando tudo que ele fazia, sem colocar limite algum.

A partir dos dados que tenho sobre a história de vida, pouco posso relacionar com as manifestações agressivas de Thiago. No entanto, analisando as situações observadas no espaço da escola e considerando a teoria winnicottiana, é provável que durante o estágio de concernimento (explicado no primeiro capítulo), tenha havido uma falha ambiental, pois é nesse momento que o sujeito se torna capaz de se responsabilizar por seus atos, de sentir culpa; capacidade que Thiago demonstra não ter.

“Para que uma criança possa assumir a responsabilidade para com sua impulsividade instintual, é preciso, antes, que ela seja um eu, capaz de sentir-se concernido e preocupado com as consequências da instintualidade. Se isso não ocorre, ela não tem como conquistar a capacidade para a culpa; ela simplesmente vai em frente sem ela, embora com a personalidade distorcida.” (DIAS, 2003, p.102)

Assim, como no caso de Sandro, também é necessário que haja um investimento do ambiente para suprir possíveis falhas, e intervenções como brincadeiras ou situações que promovam a reparação podem ser benéficas.

## Fernando

Fernando é um menino de dois anos e onze meses, irmão de Nina, de um ano e seis meses. Quando entrou na escola, com um ano e quatro meses, ele teve um período de adaptação bem difícil e longo. Após a despedida de sua mãe, continuou chorando por muito tempo e não conseguia aproveitar as atividades da escola. Aos poucos, foi conseguindo construir vínculo com as professoras e ficando mais à vontade no espaço. Em seu segundo ano de escola, voltou animado e crescido. No primeiro mês ainda se manteve muito próximo da professora que acompanhou o grupo, e não conseguia se soltar nos momentos livres de brincadeiras. Com o tempo, construiu vínculo com a nova professora e passou a interagir com os amigos novamente. Após três meses de aula, fortaleceu a relação com os amigos e se aproximava com facilidade para compartilhar brincadeiras e folias. Fernando possuía uma desenvolvida linguagem oral, que era usada com facilidade enquanto brincava e também para se colocar em conversas coletivas. No entanto, diante de conflitos e frustrações, não conseguia se expressar usando a fala. Nessas situações, ficava bravo, chateado e se afastava, inclusive quando suas professoras se aproximavam para lhe ajudar.

Por exemplo, um dia estava brincando muito animado com os amigos de faz de conta de super-heróis. Era possível observar a força e a determinação quando fingia lutar contra os monstros. Num determinado momento, subiu num tronco, o qual fingia ser seu carro, e acabou caindo. Nessa hora ficou muito bravo, fechou a cara, levantou-se do chão, bateu várias vezes no tronco e se afastou da brincadeira. Um amigo tentou se aproximar, mas Fernando manteve a cara fechada. Em seguida, a professora se aproximou e foi conversar sobre o ocorrido, comentando que acidentes acontecem, que não precisava ficar bravo e que poderia voltar a brincar. Ele mostrou-se bem

incomodado enquanto ela falava e não conseguiu se expressar, mantendo-se enfurecido.

Outro exemplo aconteceu quando o grupo estava em roda e a professora trouxe dois instrumentos musicais para que as crianças ouvissem seus sons. Após mostrar, deixou que as crianças experimentassem. O amigo que estava sentado ao lado de Fernando começou a mexer e produzir o som, porém o instrumento, que era grande, acabou batendo em sua cabeça. Na hora, Fernando começou a gritar com força e chorar, saiu do banco, agachou-se e começou a bater no banco com as mãos, olhando para o amigo. Rapidamente, a professora se aproximou e explicou que foi sem querer, que podia falar com calma para o amigo prestar mais atenção. Mas ele continuou fora de si, gritando insistentemente e chorando. A professora acabou saindo para dar uma volta para acalmá-lo e conversar sobre a situação.

Em muitas outras situações, Fernando mantinha a mesma reação: demonstrava dificuldade de lidar com a frustração, não conseguia se colocar e expressar seus sentimentos usando a fala, sempre se afastava do acontecido, isolando-se, e rompia com a comunicação. Ao longo da manhã, suas professoras procuravam fazer diversas intervenções com o objetivo de ajudá-lo a lidar melhor com sua dificuldade, no entanto não foi possível observar uma evolução.

Sua mãe trazia constantemente à escola a preocupação que tinha por Fernando não conseguir expressar suas vontades e desgostos em situações desafiadoras que não eram causadas por ele, como por exemplos, em acidentes (quando caía, batia a cabeça em algum lugar, escorregava), em disputas por brinquedos (quando arrancavam de suas mãos).

Ela comentou com a professora que muitas vezes viu o pai intervir em situações acidentais, transferindo a culpa para o objeto presente (a mesa na qual ele bateu a cabeça, a cadeira da qual caiu), dando tapas no objeto e chamando-o de feio.

Nesse caso, o pai não permitia Fernando sentir nenhuma responsabilidade, uma vez que transferia a culpa do acidente para um objeto inanimado. Além disso, seu pai não

oferecia a possibilidade de Fernando expressar seus sentimentos e resolver a situação, pois já se aproximava do acontecido com uma solução pronta. Assim, é provável que ele não permitisse que Fernando exercitasse e se responsabilizasse por sua agressividade, uma vez que já vinha com a solução pronta e ainda tomava a atitude por ele.

Considerando também a teoria de Fernández, sabemos que a falta de agressividade impossibilita a autoria, uma vez que ela é necessária para que o sujeito consiga se colocar no mundo (2001). Assim, quando o pai não permite que Fernando use sua agressividade, o impede de conquistar a capacidade de se colocar, de defender seu espaço no mundo.

Outro aspecto que chama atenção no relato, é que aquilo que machucava e afrontava Fernando, rompia com a possibilidade dele de se comunicar. Provavelmente ele vive uma constante incompreensão que vem da falta de repertório, já que sempre vive ncia situações nas quais o outro é responsável (objeto inanimado ou outro sujeito).

Assim, como no relato de Thiago, é necessário que haja um investimento do ambiente para ajudá-lo a ser capaz de se responsabilizar por seus atos, como se refere a isso Winnicott dentro do estágio do concernimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo apresentar a agressividade inserida na Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott, compreender a relação desta com a aprendizagem, considerando também a teoria de Alicia Fernández, e fazer algumas reflexões psicopedagógicas acerca da agressividade a partir de relatos do cotidiano escolar.

No decorrer do trabalho, procurei responder algumas questões levantadas durante minha prática na escola e que me fizeram decidir pelo tema: como a criança pequena pode ser tão agressiva? Qual a origem da agressividade? O ato agressivo da criança pequena tem uma intenção?

Decidi aprofundar o assunto a partir da obra de Winnicott, uma vez que o autor compreende a agressividade como um impulso instintivo necessário no processo de amadurecimento do sujeito, ao invés de se deter, como a teoria psicanalítica tradicional (Freud e Klein), no aspecto negativo, como sinônimo de destrutividade, agressão e hostilidade.

Descrevi a agressividade a partir da teoria winnicottiana como inerente à natureza humana, já que o impulso instintivo do bebê faz parte do estar vivo e sua manutenção. No início de sua vida, a agressividade é sinônimo de motilidade e espontaneidade, ou seja, está relacionada com o estar vivo, e o bebê não tem condição de se preocupar com seus impulsos instintuais.

Durante seu processo de amadurecimento, a agressividade irá ser integrada à personalidade do sujeito, mas para que ele se torne uma unidade, é necessário um ambiente suficientemente bom capaz de proporcionar-lhe uma sensação de continuidade. O movimento de integração (atingir status de unidade) começará a partir da percepção do mundo como algo fora de si.

Conforme acontece a diferenciação Eu do não-Eu, o bebê vai conquistando a capacidade de reunir lembranças e experiências, e de ter uma intenção em seu

potencial agressivo. Porém, assumir seus sentimentos e ideias destrutivas só acontecerá quando estiver preocupado, ou seja, quando puder se dar conta de que pode ser mau e machucar, e quando passar a ter integrado a instintualidade, conquistando uma identidade unitária.

A partir da conquista da capacidade de se responsabilizar por seus atos, o bebê passa a se importar com os efeitos de sua impulsividade e desenvolver culpa, tal como descrevi no estágio do preocupação. Como maneira de lidar com a culpa, é preciso reparar o dano e, mais uma vez, é a mãe suficientemente boa que irá permitir que ele faça tal reparação sem retaliá-lo.

Essa reparação é importante nesse processo para que o bebê continue com novas experiências instintuais e mantenha seu impulso destrutivo. Nesse momento, o pai surge como terceiro, para proteger a mãe da destrutividade, mas também sem retaliar.

No entanto, se no decorrer do processo de amadurecimento não houver favorecimento ambiental, a agressividade não será integrada à personalidade ou será inibida, causando em ambos os casos, a manifestação de patologias.

Finalizo a análise da agressividade inserida na teoria do amadurecimento de Winnicott, com um parágrafo retirado do livro de Dias (2000, p. 12 e13) que destaca a importância dela para o indivíduo (seu benefício) e as consequências negativas que pode acarretar.

“Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do humano, a fonte de agressividade – que, no início, é motilidade e parte do apetite – torna-se integrada à personalidade total do indivíduo e será elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, de defender seu território, de brincar e de trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida (timidez, autocontrole) ou cindida, ou ainda poderá redundar em comportamento anti-social, violência ou compulsão à destruição.”

Após compreender melhor o aspecto saudável da agressividade, procurei relacioná-la com a aprendizagem. Para fazer tal relação, busquei a teoria de Alicia Fernández, uma vez que ela também ressalta o aspecto saudável da agressividade.

Primeiramente, vale lembrar que a autora, como Winnicott, diferencia agressão de agressividade, sendo esta necessária ao sujeito para conseguir se colocar e garantir seu espaço no mundo. Já a agressão não apresenta o mesmo valor positivo para o desenvolvimento do sujeito, porque pode revelar uma situação de ruptura do processo de amadurecimento, o que pode levar a problemas de aprendizagem e autoria.

Para a autora, a agressividade é um ato significativo no ato de aprender, podendo inibi-lo ou propiciá-lo, ou seja, ela forma parte do impulso de conhecer, de possuir o objeto do conhecimento, de dominá-lo, e assim, está a serviço da autoria de pensamento. Para a criança ser autora do seu conhecimento é necessário que tenha iniciativa para construir, desfazendo ou destruindo algo – informação, conhecimento, objeto externo (apresentado pela mãe) no sentido de transformá-lo.

Em relação ao referencial teórico de Winnicott e Fernández, considero que ambos demonstraram seu caráter elucidativo quanto ao tema e trouxeram importantes contribuições para o campo da Psicopedagogia.

Por meio da teoria de ambos os autores, o conceito de agressividade se ampliou, indo além da hostilidade do sujeito contra si mesmo ou o outro, uma vez que foi possível enxergar seu aspecto saudável, necessário ao amadurecimento.

A reflexão feita a partir dos relatos deixou claro o tamanho dessa ampliação do meu olhar, pois como professora ficava angustiada diante de tanta hostilidade e procurava somente controlá-la, deixando de pensar em possíveis intervenções. Além disso, era difícil também enxergar o outro lado: relacionar a agressividade a uma criança muito introvertida que não consegue se colocar ou brincar.

Em qualquer situação onde a agressividade é patógena, quando analisada pela teoria do amadurecimento de Winnicott, é consequência de fraturas ocorridas nos primeiros estágios do desenvolvimento do sujeito, revelando falhas no ambiente, impossibilitando

o amadurecimento normal. Assim, as intervenções psicopedagógicas poderão se iniciar numa tentativa de suprimir essas falhas do suporte materno ou do meio ambiente, buscando retomar o estágio no qual foi prejudicado, para posteriormente poder compreender a relação do sujeito com seus processos de aprender e conhecer. E para isso, é necessário observar a relação do sujeito consigo mesmo, com os outros e com os objetos.

Depois de conseguir integrar a agressividade de tal forma que ela propicie a continuidade do processo de amadurecimento, que em algum momento foi rompido, o sujeito poderá ser capaz de usar seus impulsos destrutivos para aprender, brincar, se relacionar com os outros, tornar-se autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*, v.2, n. 1, pp. 9 – 48, 2000.

\_\_\_\_\_ *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

\_\_\_\_\_ Agressividade: qual o teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). In: *Paixão de aprender*. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_ A agressividade e a aprendizagem. In *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_ *O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_ *Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GARCIA, Roseana Moraes. *A agressividade na psicanálise winnicottiana*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. PUC – SP, São Paulo, 2000.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S., FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Houaiss de Lexicografia, 2001.

LA PLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PORTELA, Márcia Mendes. *Qualquer fisga entre amor e ódio: uma leitura da agressividade em Winnicott*. Tese de mestrado em Psicologia Clínica. PUC- SP, São Paulo, 2008.

SANCHES, Renate Meyer. Agressividade. In *Psicanálise e educação. Questões do cotidiano*. São Paulo: Escuta, 2002.

WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_ *Da pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

---

<sup>i</sup> Incompadecidamente: quando o bebê não consegue se responsabilizar por seus atos agressivos, por ainda ser muito imaturo e se encontrar nos estágios iniciais de vida.

<sup>ii</sup> Eu: quando o bebê encontra o próprio si-mesmo, após ter se integrado, em vários níveis e aspectos ao longo dos estágios iniciais, separando-se da mãe.

<sup>iii</sup> Mãe suficientemente boa: “mãe capaz de reconhecer e atender à dependência do lactente, devido à sua identificação com ele, a qual permite-lhe saber qual é a necessidade do bebê, e responder a ela.” (DIAS, 2003: 133)

<sup>iv</sup> Mãe ambiente: é a mãe que, no estágio do concernimento, precisa continuar sendo empática em relação ao seu bebê, permanecendo presente para receber o gesto espontâneo dele e para ser agradada.

<sup>v</sup> Pulsões: representantes psíquicos de forças físicas.

<sup>vi</sup> Quando me refiro ao processo de amadurecimento do sujeito, estou fazendo referência à teoria de Winnicott (DIAS, 2003).